

POLÍTICA MONETÁRIA

BC pessimista nas projeções

Autarquia tem cálculo mais conservador sobre atividade econômica. Galípolo considera "um luxo" críticas de Haddad à Selic

» ROSANA HESSEL

O Banco Central, sob o comando de Gabriel Galípolo desde janeiro deste ano, está esbanjando conservadorismo. Nas projeções macroeconômicas, a autoridade monetária apresenta mais ressaltos do que o Ministério da Fazenda e até mesmo que o mercado financeiro.

No Relatório de Política Monetária (RPM), divulgado ontem, o BC reduziu de 2,1% para 2% a previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano. Já as projeções recentes da Fazenda e a mediana das estimativas do mercado, coletadas pelo Banco Central no boletim semanal Focus, são mais otimistas, de 2,3% e de 2,16%, respectivamente.

Para o PIB de 2026, o relatório do BC, que substituiu o antigo Relatório Trimestral de Inflação (RTI), prevê avanço de 1,5%. É a primeira vez que o BC divulga a projeção da atividade econômica do ano que vem. As previsões da Fazenda, de 2,4%, e as do mercado, com mediana de 1,8%, para o PIB do ano que vem, também estão mais otimistas do que as do BC. Quanto à inflação, a autarquia comandada por Galípolo segue prevendo a inflação acima do centro da meta, de 3%, até o primeiro trimestre de 2028.

Mesmo com previsões mais pessimistas para a atividade do que o mercado, o Comitê de Política Monetária (Copom) reforçou, na semana passada, que pretende manter a conduta do gavião (hawkish) em vez do pombo (dovish) no combate à inflação e reafirmou na ata que a taxa básica da economia (Selic) deverá

continuar no patamar atual, de 15% ao ano, por um "período bastante prolongado".

Mercado de trabalho

Um dos principais motivos para as estimativas do BC para o PIB e para a manutenção da Selic no patamar atual, segundo o diretor de Política Econômica do BC, Diogo Guillen, é a surpresa positiva no mercado de trabalho, que segue aquecido e com o desemprego no menor nível da história, de 5,7%, em julho, "dado acima do esperado pelo BC".

O diretor destacou, também, que a ligeira redução da estimativa de crescimento do PIB deste ano também decorre dos efeitos, ainda incertos, do aumento das tarifas de importação pelos Estados Unidos "bem como de sinais de moderação da atividade econômica no terceiro trimestre".

Durante a apresentação a jornalistas do RPM, ontem, Galípolo afirmou que segue "convicto" com a decisão do colegiado, apesar das críticas ao atual patamar de juros, inclusive a do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, que ele classificou como muito educadas, "um luxo".

O presidente do BC afirmou que o BC ainda segue "dependente de dados" para mudar a atual política monetária. "Vamos seguir observando se a taxa de juros está em um patamar contracionista o suficiente para produzir a convergência da inflação para a meta", disse o banqueiro central. De acordo com ele, "o mercado de trabalho segue resiliente há quatro anos", e o desemprego tem ficado em patamares menores do que o esperado pela autoridade monetária. "Com um

Ed Alves/CB/D.A Press



A ideia de autonomia, de maneira alguma, remete a que todo mundo vai concordar com o que está sendo feito pelo Banco Central, muito pelo contrário. É absolutamente legítimo que tanto agentes quanto economistas expressem sua opinião"

Gabriel Galípolo, presidente do BC

cenário com inflação fora da meta e desemprego baixo, não é conforto para a situação, mas convicção de que o caminho é esse que deve ser feito", disse. Ele acrescentou que o pior cenário para um trabalhador é a combinação de inflação elevada e queda da renda em vez de juro alto.

Galípolo alegou, ainda, que é "legítimo" haver divergências entre o BC e o Ministério da Fazenda

em relação à condução da política monetária e voltou a elogiar as críticas feitas com "delicadeza" de Haddad e do secretário do Tesouro, Rogério Ceron.

O economista Alberto Ramos, do Goldman Sachs, avaliou que o RPM, em termos gerais, reiterou a avaliação do cenário macroeconômico base contida na declaração da ata da reunião da última reunião

do Copom, "com riscos tanto de alta quanto de baixa ainda caracterizados como mais elevados do que o habitual". Na avaliação dele, a previsão de inflação mais hawkish do Copom "é sustentada por uma perspectiva de crescimento relativamente dovish, o que implica que um crescimento mais firme do que o esperado levaria a previsões de inflação ainda mais elevadas".

Inflação acelera

» RAFAELA GONÇALVES

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15), considerado a prévia da inflação oficial, avançou 0,48% em setembro, após registrar deflação em agosto. Os dados, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que o indicador acumula alta de 3,76% no ano. Em 12 meses, a variação chegou a 5,32%, acima dos 4,95% registrados no período imediatamente anterior.

Quatro dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados tiveram alta no mês. O maior impacto veio do grupo habitação, que avançou 3,31%. Na sequência, destacaram-se vestuário, saúde e cuidados pessoais, despesas pessoais e educação.

Os preços da energia elétrica residencial voltaram a ser o subitem de maior impacto positivo no índice. O resultado reflete o fim da incorporação do Bônus de Itaipu, concedido nas faturas de agosto. Além disso, a entrada em vigor da bandeira tarifária vermelha patamar 2, em 1º de setembro, que acrescentou R\$ 7,87 a cada 100 kWh consumidos nas contas de luz.

O economista Pablo Spyer, conselheiro da Associação Nacional das Corretoras de Valores (Ancord), avaliou que o resultado foi satisfatório, mesmo com a pressão da energia elétrica. "Apesar desse efeito pontual, os números vieram positivos", resumiu.



CONTROLES SOBRE O USO DE MERCÚRIO E O FUTURO DA EXTRAÇÃO DE OURO NO BRASIL

Apesar de já ter sido eliminado em diversos setores e produtos devido à sua alta toxicidade, o mercúrio continua sendo amplamente empregado na extração de ouro.

Para entender os impactos sobre o meio ambiente e sobre a saúde de milhares de pessoas, o **Correio Braziliense** e o **Instituto Escolhas** promovem o evento "**Controles sobre o uso de mercúrio e o futuro da extração de ouro no Brasil**".

MEDIADORES



Carlos Alexandre de Souza
editor de Política, Economia e Brasil do Correio Braziliense



Sérgio Leitão
diretor-executivo do Instituto Escolhas



Larissa Rodrigues
diretora do Instituto Escolhas



Adriana Bernardes
coordenadora de Produção do Correio Braziliense



Giorgio de Tomi
professor titular da Escola Politécnica da USP e coordenador Técnico do Projeto Ouro Sem Mercúrio



Miguel Castro
Ponto Focal Regional para LATAM e Caribe do Centro CER da OCDE



Jair Schmitt
diretor da Diretoria de Proteção Ambiental do Ibama - Dipro

CONVIDADOS



Eloy Terena
secretário-executivo do Ministério dos Povos Indígenas (MPI)



Elena Crespo
professora titular da Universidade Federal do Pará e coordenadora do Instituto Amazônico do Mercúrio



Humberto Freire
diretor da Amazônia e Meio Ambiente da Polícia Federal (DAMAZ/PF)



Eduardo Gama
diretor de Operações no Certimine



Thainne Resende
diretora do Departamento de Qualidade Ambiental do Ministério de Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA)



Julevânia Olegário
diretora do Departamento de Desenvolvimento Sustentável na Mineração (DDSM) do Ministério de Minas e Energia (MME)



Nilto Tatto
ambientalista e deputado federal



Gilson Camboim
presidente na Federação das Cooperativas de Mineração do Estado de Mato Grosso (FECOMIN)

07.OUT
A PARTIR DAS 08H30
auditório do Correio Braziliense



LEIA O QR CODE
e faça a sua inscrição para acompanhar o evento

Apoio:



Realização

